

Anuário 7

Centro de Estudos de História do Atlântico

2015

A Epidemia de Cólera de 1856 na Madeira: Tratamentos, Medidas Preventivas, Preocupações Sanitárias e Cuidados com o Corpo

The 1856 Cholera Outbreak in Madeira:
Treatments, Preventive Measures, Sanitary Concerns, and Body Care

Nélio Pão

ANUÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

2015, N.º 7

ISSN: 1647-3949

FUNCHAL – MADEIRA

PP. 323 - 346



CEHA
CENTRO DE ESTUDOS DE
HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

**A Epidemia de Cólera de 1856 na Madeira:
Tratamentos, Medidas Preventivas, Preocupações Sanitárias
e Cuidados com o Corpo**

The 1856 Cholera Outbreak in Madeira:
Treatments, Preventive Measures, Sanitary Concerns, and Body Care

Nélio Pão Técnico Superior – Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura (Governo Regional da Madeira) – Direcção Regional da Cultura – Centro de Estudos de História do Atlântico. Licenciado em Biologia pela Universidade da Madeira. Tem publicado vários estudos no âmbito da História do Madeira, dos quais destacamos: 2005, «A Madeira na rota da ciência e das investigações científicas, listagem de personalidades que estudaram a história natural da Madeira (1601-1978)», in *As Ilhas e a Ciência História da Ciência e das Técnicas – I Seminário Internaciaonal*, pp. 37-108; 2009/2010, «A Lagartixa da Madeira (*Lacerta dugesii*) na Visão de Visitantes de Língua Inglesa – Século XIX», in *Ilharq*, n.º 9; 2009, «Estudos Científicos sobre o Arquipélago da Madeira (1985-2008): Resenha Bibliográfica», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 1, pp. 207-262; 2010, «A United States Exploring Expedition (1838-1842), e o seu Contributo para o Conhecimento da Botânica da Ilha da Madeira», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 2, pp. 182-209; 2010, «A Madeira na Rota das Expedições Britânicas ao Antártico (1900-1922)», in *República e Republicanos na Madeira – 1880-1926*, pp. 98-114; 2011, «O Âmbito de Intervenção Financeira da Junta da Real Fazenda do Funchal (1775-1834): Uma Análise Global das Despesas», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 3, pp. 371-391; 2012, «O Primeiro Porto de Escala da Expedição do Endeavour (1768-1771): A Ilha da Madeira nos Diários de James Cook, Joseph Banks e Sydney Parkinson», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 4, pp. 199-223; 2013, «O Príncipe Albert I do Mónaco na Madeira em 1888: Observações sobre o Porto do Funchal, as Ilhas Desertas e a História Natural do Arquipélago», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 5, pp. 243-260; 2014, «A Igreja e a Ciência: O Museu do Seminário Diocesano do Funchal e a contribuição dos padres naturalistas para o conhecimento da história natural do Arquipélago da Madeira», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 6, pp. 176-250.

RESUMO

O surto de cólera de 1856 na Madeira, responsável pela morte de mais de 7000 dos seus habitantes, foi, pelo seu carácter fulminante, a mais trágica epidemia a atingir este espaço arquipelágico. Relacionadas com esta enfermidade foram divulgadas na imprensa local da época, medidas preventivas e curativas com o intuito de travar o avanço da doença e minimizar os estragos que a epidemia originava. Num período em que o saber concernente à cólera era muito limitado, as medidas preventivas tinham como preocupação essencial a higiene do corpo e da habitação, a salvaguarda pessoal e uma alimentação cuidada. No que concerne aos tratamentos, alicerçados numa actuação rápida logo aos primeiros sinais de cólera, focalizavam-se, mormente, no controlo e diminuição dos sintomas provocados pela enfermidade.

Palavras-chave: Epidemia; Cólera; Arquipélago da Madeira; Precauções; Tratamentos; Remédios.

ABSTRACT

The 1856 cholera outbreak in Madeira, responsible for killing more than 7000 of its inhabitants, was, due to her fulminating nature, the most tragic epidemic to hit this territory. Correlated with this malady, the local press disclosed preventive and curative measures in order to halt the progress of the disease and to minimize the damage caused. At a time when knowledge concerning the cholera was very limited, preventive measures focused on the hygiene of the body and housing, personal safeguard, and a careful diet. The treatments were based in a quick response, as soon as cholera was beginning to manifest itself, and focused in the control and reduction of symptoms caused by the disease.

Keywords: Epidemic; Cholera; Madeira Islands; Precautions; Treatments; Drugs.

Introdução

O trabalho que agora apresentamos vem na sequência das investigações que temos vindo a realizar no *Centro de Estudos de História do Atlântico*, no âmbito do projecto, elaborado em conjunto com o Dr. Filipe dos Santos, intitulado *Quotidiano, Vida Privada e Corpo – Contributos para uma História da Saúde e da Doença na Ilha da Madeira*.

Este é o nosso primeiro contributo para o conhecimento das epidemias que assolaram a Madeira a partir do século XVIII, e tem como foco o surto de cólera ocorrido neste espaço arquipelágico no ano de 1856. Pretendemos indagar sobre o papel dos periódicos da época durante o período de epidemia, dando a conhecer a informação exarada por estes concernente a prevenções e tratamentos da doença.

Como fontes utilizamos alguns dos jornais publicados na época, designadamente: *A Discussão*; *A Ordem*; *O Clamor Publico*; e *Semanario Official*, os quais fazem parte da colecção de periódicos do Arquivo Regional da Madeira. A nossa pesquisa focalizou-se nas peças emanadas por estes periódicos e concernentes à cólera na Madeira, mormente: medicamentos; receitas; tratamentos; medidas preventivas; preocupações sanitárias; alimentação; e conselhos/recomendações a ter com o corpo. Optamos por apresentar a informação de forma cronológica, agregando-a em duas partes distintas. A primeira parte focalizada na prevenção, salubridade e cuidados com o corpo, e a segunda direccionada para os tratamentos, receitas e medicamentos.

Este estudo aborda os números dos jornais publicados entre o dia 1 de junho de 1856 – mês anterior ao início da epidemia – e 31 de agosto do ano seguinte, com excepção do *Semanario Official* que, pelo facto de até mais tarde apresentar relatórios das entidades oficiais, prolongamos até 31 de outubro de 1857. Observou-se que durante este período todos os periódicos abordados viram, por tempos e razões por vezes distintos, a sua publicação suspensa. A este respeito chamamos a atenção para a Tabela I onde apresentamos o tempo de interrupção de cada periódico, e as razões apresentadas pelos mesmos para essa suspensão. Aludimos igualmente para a falta, para este intervalo temporal, de alguns números do periódico *A Discussão*, nomeadamente os números 73, 74 e 76.

Tabela I – Períodos e Fundamentos para a Suspensão dos Periódicos Madeirenses Durante a Epidemia de Cólera de 1856.

Periódico	Período de Suspensão	Fundamento para a Suspensão
O Clamor Publico	29/07/1856 e 09/10/1856	«[...] em consecuencia do fallecimento de um dos principais typographos da sua officina.»
A Discussão	25/07/1856 e 23/08/1856	« [...] em consecuencia do flagello que a todos tee opprimido [...]»
A Ordem	25/07/1856 e 11/10/1856	«A morte do editor da Ordem deu lugar a que se interrompesse a publicação della.»
Semanario Official	31/07/1856 e 05/10/1856	«A nova calamidade com o que estamos a braços, interrompendo, por algum tempo, a publicação d’este Semanario [...]»

Fontes: *O Clamor Publico*, n.º 116, sexta-feira, 10 de outubro de 1856, p. 1; *A Discussão*, n.º 77, quinta-feira, 28 de agosto de 1856, p. 1; *A Ordem*, n.º 1, sábado, 11 de outubro de 1856, p. 1; *Semanario Official*, n.º 116, sábado, 06 de setembro de 1856, p. 1.

Ainda relativamente às fontes consultadas, chamamos à atenção para a informação presente no *O Clamor Publico* que comunicava que o Governador Civil – «Brigadeiro Couceiro» – havia solicitado, por escrito, a não publicação de notícias sobre a cólera durante o período da epidemia. Esta medida tinha, como refere, o objectivo de evitar «[...] aterrar os animo dos nossos patrícios.»¹.

A cólera, também conhecida como cólera-mórbus ou cólera-asiática, foi a epidemia dominante do século XIX, da mesma forma que a peste negra havia sido a imperante durante o século XIV. Responsável não só pela morte de milhões de pessoas em todo o mundo – tinha a reputação de assassino feroz e implacável –, a cólera foi também causadora de imensas perdas económicas, motivando, em algumas zonas atingidas por este flagelo, a rotura do próprio tecido da sociedade².

Inicialmente endémica à região asiática do Delta do Ganges, a cólera encetou o seu percurso pela Europa a partir de 1817 seguindo as rotas comerciais entre estes dois espaços terrestres³. Passados 16 anos, em 1833, registaram-se os primeiros casos desta moléstia em Portugal. Esta primeira epidemia colérica em território nacional foi introduzida pelo vapor *London Marchant* que transportava, vindas da cidade belga de Ostende, tropas para auxiliar os liberais na batalha contra as forças miguelistas. Procedente da cidade do Porto, rapidamente se espalhou pelo país sendo responsável por mais de 40 mil mortos, um número superior ao registado na própria guerra civil portuguesa⁴.

Na Madeira a introdução da cólera em 1856 foi, como havia sido em 1833 em Portugal Continental, da responsabilidade de forças militares. O vector da introdução da doença neste espaço arquipelágico – o 1.º Batalhão de Infantaria n.º 1 – encontrava-se acantonado no bairro lisboeta de Belém, onde a epidemia lavrava com grande violência. Transportado no vapor de guerra português *Infante D. Luiz*, muito provavelmente vindo substituir o 2.º Batalhão de Infantaria n.º 4, o 1.º Batalhão de Infantaria n.º 1 chegou ao porto do Funchal na tarde do dia 28 de junho de 1856, onde desembarcou sem qualquer medida preventiva⁵. Os primeiros casos de cólera surgiram no dia 4 de julho, todos no seio daquela força militar, e no dia 7 do mesmo mês a cólera atinge o primeiro natural desta ilha. A primeira vítima madeirense foi um barqueiro que havia auxiliado no transporte dos militares e respectivas bagagens a quando da chegada desta tropa ao porto do Funchal⁶. Em pouco mais de um mês a epidemia alastrou-se por toda a ilha da Madeira, chegando ao Porto Santo no dia 18 de agosto desse mesmo ano.

1 *O Clamor Publico*, n.º 116, sexta-feira, 10 de outubro de 1856, p. 1.

2 ROSENBERG, 1987, *The cholera years: the United States in 1832, 1849 and 1866*, p. 1; CLAESON, s. d., «Cholera», in <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/114078/cholera>.

3 MACNAMARA, 1876, *A History of Asiatic Cholera*, p. vi; CLAESON, s. d., «Cholera», in <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/114078/cholera>.

4 ALMEIDA, 2011, «A Epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa», p. 1061.

5 SILVA, 1978. *Elucidário Madeirense*, vol. I, p. 272; *A Ordem*, n.º 232, quarta-feira, 2 de julho de 1856, p. 2; *A Ordem*, n.º 1, sábado, 11 de outubro de 1856, p. 1.

6 *A Ordem*, n.º 19, quinta-feira, 12 de fevereiro de 1857, p. 3.

A cólera de 1856 na Madeira foi, pela rapidez com que se propagava, pelo seu carácter fulminante e pela elevada taxa mortalidade, que segundo dados oficiais apontam para mais de 7000 mortos⁷, a mais horrenda epidemia a atingir este espaço arquipelágico.

Abordemos agora, de forma muito sucinta, a enfermidade do ponto de vista biológico: o microrganismo; modo de acção e transmissão; e efeitos no organismo humano.

O agente desta doença – a espécie *Vibrio cholerae* – é uma bactéria gram-negativa em forma de bacilo pertencente ao género *Vibrio*, isolada e descrita pela primeira vez em 1854 por Filippo Pacini (1812-1883)⁸. Este micróbio, quando ingerido, produz uma enterotoxina que gera uma infecção aguda do intestino delgado, dando origem a diarreias extremas e vómitos que, em última estância, podem levar à morte do seu hospedeiro.

Esta enfermidade alastra-se rapidamente numa comunidade quando fezes, contendo o *Vibrio cholerae*, contaminam a água de abastecimento que posteriormente é ingerida por outros membros dessa colectividade. Outra forma comum de transmissão é pela ingestão de alimentos que foram irrigados, lavados ou cozinhados em água contaminada. Os alimentos com maiores potenciais para a transmissão da cólera são os mariscos, quando comidos crus, e as frutas e vegetais cultivados em solos fertilizados com excrementos humanos. Os alimentos embalados com gelo contaminado podem também ser vectores importantes na propagação da doença⁹.

Medidas Preventivas, Preocupações Sanitárias e Cuidados com o Corpo

As primeiras notas concernentes a medidas preventivas publicadas em periódicos da época foram encontradas no *Semanario Official* n.º 113¹⁰. Referimo-nos a um artigo do Dr. L. Pitta, em que o autor declara ter publicado em outro periódico, mais concretamente no *Madeirense*, n.º 79, «[...] precauções contra a Cholera Morbus [...] medidas hygienicas aconselhadas em diversos paizes, onde aquela molestia tem reinado [...]»¹¹. Infelizmente não tivemos acesso a este número, nem conseguimos localizar qualquer exemplar do periódico *Madeirense* para o período estudado.

Os primeiros conselhos preventivos – aos quais tivemos acesso – relativos ao contágio da doença, datam de 12 de julho de 1856, 8 dias após a manifestação do primeiro caso de cólera na ilha. O periódico responsável por esta publicação, o *Semanario Official*, transcrevia um escrito da *Real Sociedade Humanitária do Porto* publicado a 1 de maio de 1854, sob o título «Real Sociedade Humanitaria – Cholera-Morbus»¹². Este artigo, como refere o próprio texto, tinha o propósito de informar a população para «[...] precaver-se contra esta enfermidade, no caso, [...] de pela segunda vez ella invadir esta cidade [...]»¹³. Dividido em «Instruções Preventivas», que abordamos neste capítulo, e «Instruções Curativas»¹⁴, este texto divulgava conselhos aos habitantes da cidade do Porto, devido ao perigo existente de importação de cólera de outras cidades europeias, onde esta doença grassava violentamente. O *Semanario Official* na tentativa de minimizar os efeitos desta epidemia, que começava a dar os primeiros passos nesta ilha, apresentava os conselhos difundidos pela *Real Sociedade Humanitária do Porto* naquela cidade, divulgando-os assim para a população madeirense.

O texto rogava a «[...] todas as pessoas, e particularmente aos chefes de familia, commandantes de corpos, directores de collegios de educação e de asylos de beneficencia, e proprietarios de estabelecimentos industriaes [...]»¹⁵, que fizessem cumprir as recomendações presentes nesse escrito, referindo que «[...] tudo, quanto aqui

7 Os mapas com os números oficiais de mortos causados pela epidemia de cólera são apresentados pelo Governador Civil, Antonio Rogerio Gromicho Couceiro, no periódico *O Semanario Official*, n.º 129, de 10 de janeiro de 1857, a fólhos 3 e 4.

8 S. A., s. d., «Who first discovered Vibrio Cholera?», in <http://www.ph.ucla.edu/epi/snow/firstdiscoveredcholera.html>.

9 CLAESON, s. d., «Cholera», in <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/114078/cholera>.

10 Referimo-nos ao *Semanario Official* publicado a 12 de julho de 1852, p. 2.

11 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 2.

12 O *Semanario Official* não refere de onde transcreveu o texto da *Real Sociedade Humanitária do Porto*.

13 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 3.

14 A parte do artigo denominada «Instruções Curativas» é abordada posteriormente no capítulo dedicado aos tratamentos.

15 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 3.

lhes recommendâmos é fundado em solidos principios da sciencia [...]»¹⁶.

As «Instruções Preventivas» encontravam-se divididas em 4 partes: «Habitação»; «Pessoa e Vestuário»; «Comidas»; e «Bebidas».

A primeira parte – a «Habitação» – tendo como base o asseio e a diminuição da humidade no espaço doméstico, aconselhava, em termos gerais: à não acumulação de lixo; à limpeza dos reservatórios, esgotos e retretes; à substituição frequente de roupas de cama; ao arejamento dos espaços; à não existência em casa de aves, cães ou quaisquer outros animais domésticos; e cuidados a ter relativamente a janelas e portas, de forma a evitar as correntes de ar, em especial durante o período de sono. Ainda em relação ao asseio do lar, este escrito aconselhava o uso de substâncias químicas para uma limpeza mais eficaz daquele espaço, como por exemplo o ácido nítrico e o enxofre.

Na divisão «Pessoa e Vestuário» a preocupação incidia, mormente, na higiene e na salvaguarda pessoal, aconselhando: banhos e mudanças de roupa frequentes; a não exposição a mudanças de temperatura súbitas, utilizando para isso vestuário adequado; e evitar o trabalho em excesso passível de causar fadiga.

No que concerne à alimentação – a secção «Comidas» – as recomendações apontavam para a ingestão de alimentos de fácil digestão, como por exemplo «[...] bom pão, boa carne de vacca, vitella ou carneiro, cozida ou assada [...], peixe fresco d’escama, e arroz em moderada quantidade.»¹⁷, e identifica outros a evitar como «[...] saladas, e principalmente a de pepino, fructas malsazonadas ou cruas, nozes, massas de pastellaria, feijões, castanhas, carnes e peixes defumados, peixe d’escabeche, conservas vegetaes, leite coalhado [...]»¹⁸.

No consumo de líquidos, secção «Bebidas», aconselhava-se a abstenção de «[...] bebidas alcoolicas, de liquidos acidos, de caldos refervidos ou requentados [...]»¹⁹, e o uso moderado do vinho, café e do chá. Acharmos curiosa a não consideração do vinho como bebida alcoólica. Referia ainda que a água ingerida deveria ser pura e o leite fresco.

No que concerne às recomendações apresentadas por este artigo, e tendo em conta as carências existentes à época neste espaço arquipelágico, imaginamos a dificuldade que teria a maior parte da população em adoptar estes conselhos, sobretudo os atinentes à alimentação.

O periódico *O Clamor Publico* n.º 113 de 14 de julho de 1856, apresentava um artigo que divulgava, entre outros assuntos, um conjunto de informações relativas ao estado de insalubridade de alguns locais da Ilha. Este escrito solicitava às entidades competentes a tomada de medidas de forma a debelar o estado de imundice em que se encontravam muitas dessas localidades. Embora não refira a epidemia que grassava nesta ilha, relembramos o pedido realizado por parte do governador relativo à não publicação de determinado tipo de artigos concernentes à cólera, julgamos que este escrito teve como génese as preocupações relativas a esta moléstia, e tinha como objectivo compelir as autoridades madeirenses a tomar medidas, de forma a travar a progressão da doença neste espaço insular.

O artigo começava por relatar que se havia dado início à limpeza da cidade, e alertava para o facto de não serem apenas as praças e ruas que careciam de limpeza. Solicitava à Câmara do Funchal maior fiscalização das residências junto às ribeiras, de forma a evitar que os moradores atirassem lixo para estes cursos de água, e que comunicasse aos levadeiros para permitirem que a água corresse abundantemente para a limpeza das habitações. No que concerne à insalubridade existente fora do concelho do Funchal, este documento rogava para que fossem tomadas medidas a bem da saúde pública dessas localidades, dando exemplos e informando que existiam povoações do litoral onde «[...] nesta estação do ano, é impossivel desembarcar sem que os miasmas infectos que por ali abundam provoquem o vomito»²⁰.

O consumo público era também uma das preocupações deste escrito. Informando o estado impróprio de

16 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 3.

17 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 3.

18 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 3.

19 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 3.

20 *O Clamor Publico*, n.º 113, segunda-feira, 14 de julho de 1856, p. 1.

alguns dos produtos vendidos pelas ruas da cidade, nomeadamente as frutas demasiado verdes e expostas em bancadas ao sol, reclamava para que fossem cumpridas as deliberações relativas à proibição dessas vendas, e para que se informasse a população, utilizando para isso a imprensa e editais públicos, dos perigos associados ao seu consumo.

Outro artigo que apresentou preocupações relativas à salubridade da ilha, e que como o *O Clamor Público* n.º 113 não fazia referência à epidemia que lavrava na ilha, foi o publicado pelo periódico *A Ordem* no dia 16 de julho de 1856. Não apresentando qualquer título, este escrito, apoiado num decreto que «[...] regula a policia sobre fábricas, officinas, manufacturas e mais estabelecimentos industriais *insalubres, incommodos, ou perigosos.*»²¹, apresentava um conjunto de preocupações concernentes ao não cumprimento de normas presentes nesse decreto. Solicitava uma maior fiscalização no que respeitava à proibição da criação, dentro das localidades ou perto de habitações, de: «Fornos de cal»; «Currais de porcos»; «Depósitos de despojos de animais, sangue, pelles verdes»; «Fabricas de encerados»; «Estrumeiras»; «Fressureiras»; e «Officinas de fusão de sebo e gordura a fogo nù», e a inspecção de outros que são permitidos mas que pudessem apresentar perigo para a saúde pública como: «Alambiques de aguardente»; «Depositos de carvão»; «Fabricas de refinação de assucar»; «Fabricas de velas de cebo purificado»; «Fabricas de cerveja»; «Curraes de vaccas»; «Depositos em grande de substancias de animaes salgadas»; «Moinhos de farinha»; «Fabricas de fusão de sebo a banho maria, ou a vapor»²².

A 19 de julho de 1856, o *Semanario Offical* transcreveu um trabalho assinado pelo «Delegado de saude do districto de Vila Real» no dia 14 de maio de 1855 com o título «CONSELHOS SOBRE A CHOLERA MORBUS». Este artigo encontrava-se separado em duas partes. A primeira parte dedicada à prevenção da cólera, que transcrevemos em seguida, e a segunda dedicada aos tratamentos.

1.º Não commetter excesso de qualquer natureza, porque tudo o que tende a debilitar o individuo, a devalidação e vida desregrada, a falta de aceio, o resfriamento, o excesso de alimentos e de bebidas etc., são outros tantos elementos, que predispõem a contrahir a molestia e a tornal-a mais violenta e fatal; e por isso, ainda antes de ser invadida a povoação, todos os individuos devem observar os seguintes conselhos.

2.º Conservar o socego de alma: evitar o susto, e confiar na bondade e misericórdia de deus.

3.º Executar com toda a exactidão e rigor as determinações da auctoridade sobre as medidas sanitarias, ainda que de algum modo pareçam arbitrarías.

4.º Conservar o maior aceio no corpo, que deverá ser lavado a miudo, mandando de roupa frequentes vezes.

5.º Conservar o maior aceio, pureza de ar nas casas, caiando-as por dentro e por fóra, não demorando dentro das mesmas estrumeiras, e immundiceis, de qualquer natureza, nem animaes immundos; serão cuidadosamente lavadas e arejadas; devendo sobre tudo haver o maior cuidado na limpeza das cacallariças, canos, pateos, e latrinas, dentro das quaes se devera lançar por vezes alguma cal.

6.º Evitar as assembleas e espectaculos onde se reuna muita gente e principalmente em casas pequenas e mal arejadas.

7.º Evitar o resfriamento do corpo, e por isso não se deve dormir ao relento, e em quartos humidos; evitem-se correntes de ar e o beber agua fria quando o corpo esteja em suor; convém ter na cama roupa sufficiente; usar flanela sobre a pelle, ou pelo menos uma cinta de lã em roda do ventre, meias de lã, e bom calçado, para evitar o frio e humidade dos pés; convém deitar-se cedo.

8.º Em quanto aos alimentos em geral, não se devem alterar os habitos e costumes antigos, que a experiencia tiver mostrado não serem prejudiciaes, evitando os excessos, principalmente no uso das bebidas espirituosas; sendo permittido beber bom vinho quando se esteja nesse habito, mas em pequena quantidade, e só ás comidas; os picados, as saladas, principalmente de pepino, a carne de porco muito apimentada, o peixe salgado, as serejas, e fructas verdes, tudo em fim que costuma causar diarrheas, deve evitar-se.»²³

21 *A Ordem*, n.º 234, quarta-feira, 16 de julho de 1856, p. 1.

22 *A Ordem*, n.º 234, quarta-feira, 16 de julho de 1856, p. 1.

23 *Semanario Offical*, n.º 114, sábado, 19 de julho de 1856, p. 2.

Como constatamos, estamos perante recomendações muito semelhantes às publicadas no primeiro artigo que aqui apresentamos, e dado à luz pelo mesmo periódico, incidindo sobretudo na higiene do corpo e da habitação, na salvaguarda pessoal, e numa alimentação cuidada.

O Clamor Publico apresentava, no seu número 114 de 21 julho de 1856, um conjunto de dois artigos relacionados com a epidemia de cólera.

O primeiro consistia numa lista de nomes e moradas de médicos e cirurgiões existentes na cidade do Funchal, e que apresentamos na Tabela II. Salientamos a nota existente no início deste artigo a qual manifestava que haviam solicitado a publicação daquela lista, mas sem referir a entidade ou o responsável por esse pedido.

Tabela II – «Moradas dos Medicos e Cirurgiões desta Cidade [Funchal]» em julho de 1856²⁴.

Nome	Profissão	Morada
Candido Joaquim da Silva	Médico	Becco da Fabrica
Juvenal Honorio d'Ornelas	Médico	Largo do Collegio
Pedro Julio Vieira	Médico	Rua das Pretas
Adriano Augusto Larica	Médico	Rua da Carreira
João Nepomuceno Gomes	Cirurgião	Rua dos Ferreiros
Luiz Albino Gonsalves	Cirurgião militar	Caminho do Terço
Henrique Crawford	Cirurgião	Hospital da Santa Casa da Misericordia
Francisco Simplicio de Vasconcellos Lomelino	Cirurgião	Rua da Moraria
José Martins da Vera-Cruz	Cirurgião	Becco dos Aranhas
Luiz Teixeira	Cirurgião	Rua de Santa Maria
Francisco de P. Drolhe	Cirurgião militar	Becco do Surdo

Fonte: *O Clamor Publico*, n.º 114, segunda-feira, 21 de julho de 1856, vol. III, p. 2.

O segundo artigo – uma carta – encontrava-se na secção «Correspondência», e tinha como título «Precauções contra a Cholera». Esta missiva, enviada a 13 de julho e publicada a pedido do químico Gerardo José de Nobrega, «Pharmaceutico Honorario da Casa real Portuguesa», apresentava, segundo o autor, «[...] as Traduções contra a Cholera, que eu mesmo vi e aprendi, porque ajudei em 1848 e 1849 os Abalisados Medicos, meus Professores Pereira e Thomson no Hospital Laboratorio e Collegio da Universidade de Londres, quando a Cholera ali se achava no seu auge.»²⁵ A leitura deste escrito permitiu-nos decompô-lo em duas partes. A primeira parte apresentava conselhos para a prevenção da doença, e a segunda tratamentos a realizar logo após o aparecimento dos primeiros sintomas de cólera. Os conselhos preventivos expostos apontavam no mesmo sentido que os publicados no artigo do *Semanario Official* anteriormente abordado. Tinham, da mesma forma, como principal foco os cuidados com o corpo, mais concretamente a alimentação, a higiene, o vestuário e o esforço físico, e também os cuidados com a habitação, mormente a sua limpeza, o seu arejamento e a presença de animais domésticos²⁶.

Outro periódico a apresentar uma lista de médicos e cirurgiões que exerciam na cidade do Funchal foi *A Discussão*²⁷. Com o intuito de prevenir a população em caso de aparecimento dos primeiros sintomas de epidemia, este artigo, publicado no dia 24 de julho de 1856, apresentava, além do nome dos facultativos que mostramos na Tabela III, outras observações relativas à epidemia de cólera. Salientamos o apelo realizado para o estabelecimento de hospitais temporários nos locais mais afectados pela epidemia, e também o apontamento relativo à falta de médicos ingleses. Ainda relativamente a esta última anotação, o artigo colocava em causa

24 *O Clamor Publico*, n.º 114, segunda-feira, 21 de julho de 1856, vol. III, p. 2. Para a elaboração desta tabela optamos por manter a grafia original apresentada, tanto para os nomes dos médicos e cirurgiões como para as moradas.

25 *O Clamor Publico*, n.º 114, segunda-feira, 21 de julho de 1856, p. 2.

26 *O Clamor Publico*, n.º 114, segunda-feira, 21 de julho de 1856, pp. 2-3.

27 Referimo-nos ao artigo do periódico *A Discussão*, n.º 75, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 1.

o profissionalismo destes súbditos britânicos, insinuando que haviam fugido devido à epidemia de cólera²⁸.

Tabela III – «Facultativos e suas Moradas» na cidade do Funchal em Julho de 1856²⁹.

Nome	Profissão	Morada	Nota
Archibald Ross	Médico	Travessa das Hortas	Ausente
George Lund	Médico	Calçada de Santa Clara	
Pedro Julio Vieira	Médico	Rua das Pretas	
Juvenal Unorio d'Ornellas	Médico	Largo do Colégio	
Candido Joaquim da Silva	Médico	Rua dos Fabrica	
João Nepomuceno Gomes	Cirurgião	R. dos Ferreiros	
Francisco Simplicio Vasconcellos	Cirurgião	Rua da Moraria	
José Martins da Vera Cruz	Cirurgião	Beco dos Aranhas	
Luiz Albino Gonsalves	Cirurgião mor	Caminho do Terço	
Francisco de Paula Drolha	Cirurgião mor	Becco do Surdo	

Fonte: *A Discussão*, n.º 75, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 1.

Abordamos agora a transcrição de um texto publicado no periódico *O Portuguez*, n.º 960, de 13 de julho de 1856, e apresentada pelo periódico *A Ordem*, n.º 235, no dia 24 de julho de 1856, páginas 2 e 3. A transcrição resumia-se a pequenos trechos extraídos do artigo «O fumo e a cholera» do *Almanach Prophelique* para 1856, e tinha como objectivo divulgar os benefícios do «[...] emprego do fumo como um dos meios preservativos e curativos do flagello»³⁰.

Chamamos a atenção para a declaração apresentada concernente ao desconhecimento, que havia à época, das causas desta enfermidade. Referia, no entanto, que observações realizadas em regiões afectadas apontavam para uma relação entre a cólera e a putrefacção de material animal e vegetal, e que os produtos emanados para a atmosfera pela decomposição deste material seriam os responsáveis pelo disseminar da epidemia. Pretendia-se utilizar o fumo, proveniente da combustão de determinadas substâncias com poder «anti-miasmático», para destruir os elementos coléricos. Na Tabela IV, que apresentamos em seguida, podemos observar as substâncias apresentadas no texto e cujo fumo, como relata, «Applicado preventivamente no comêço da cholera ou no seu desenvolvimento, tem o poder de prevenir ou de suspender a sua propagação: pode no seu auge ataca-la e destruil-a»³¹.

De forma a sustentar esta prática, o artigo expunha um conjunto de notícias publicadas em outros periódicos, que enumeravam várias regiões onde a utilização do fumo, para debelar determinadas epidemias, havia apresentado resultados muito positivos. O texto finalizava realizando os seguintes apelos:

«Experimentem, façam fogueiras, de maneira que não prejudiquem ninguém; façam-nas á noite, ao pôr do sol, e de manhã quando elle nasce; defume cada um a sua casa a essas horas, se não fizer bem, o fumo não matará quem quer que seja [...]»³²

28 *A Discussão*, n.º 75, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 1.

29 *A Discussão*, n.º 75, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 1. Para a elaboração desta tabela optamos por manter a grafia original apresentada, tanto para os nomes dos médicos e cirurgiões como para as moradas.

30 *A Ordem*, n.º 235, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 2.

31 *A Ordem*, n.º 235, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 2.

32 *A Ordem*, n.º 235, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 3.

Tabela IV – Substâncias cujo Fumo Proveniente da Combustão Teria um Poder Desinfectante e Antimiasmático³³.

Substâncias		
Sólidas	Líquidas	Gasosas
corum	creosole	chlore
carvão	alcool	oxydo de carbone
camphora	ethers	acido sulphurico
chlororatos	oleos empyreumaticos	d'azote
hypoclorites	acidos chlorhydrico	
saes de mercurio		
sulfato de ferro		
acetato de alumina e de potassa		

Fonte: *A Ordem*, n.º 235, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 2.

O número 75 do periódico *A Discussão*, publicado a 24 de julho de 1856, apresentava um texto realizado por «Alvaro de Azevedo»³⁴, com dados sobre a instituição de uma «sopa económica» para auxiliar os mais necessitados. Fazendo referência que acções idênticas haviam extinguido a cólera em algumas regiões continentais, o autor aludia para o facto dos mais afectados pela moléstia serem geralmente os pobres, e que a principal causa do desenvolvimento da doença era a fome e a miséria. Expressava que a Câmara do Funchal havia tomado medidas concretas no sentido de minimizar os efeitos da epidemia, concedendo, no dia 22 de julho de 1856, 150\$000 reis mensais ao Administrador do Concelho do Funchal, para que este estabelecesse uma «sopa económica». Azevedo reforçava a ideia da importância da alimentação no debelar da doença, referindo que no seio do 1.º Batalhão de Infantaria n. 1, que fora responsável pela importação da cólera para a Madeira, se havia extinguido esta enfermidade, completando que «[...] um rancho de arroz e carne parece ter acabado com o flagello entre os soldados, que hoje se achão de perfeita saude.»³⁵

A cólera de 1856 teve o crédito de fazer emergir, nos periódicos da época, preocupações concernentes a determinados espaços da cidade do Funchal que podiam potenciar a evolução da doença. J. Escorcio D. da Câmara publicou um escrito intitulado «A Cadea do Funchal» onde expunha os problemas sanitários deste lugar de encarceramento, principalmente na situação de epidemia que se vivia no ano de 1856. Este artigo chamava à atenção para a necessidade do Funchal possuir uma «boa cadeia», rogando para que se tomassem as devidas medidas para a sua construção³⁶.

A 4 de outubro de 1856, o *Semanario Official* publicava na secção «Parte Official» um conjunto de medidas enviadas a 12 de julho de 1856 pelo Governo Civil, dirigidas aos administradores dos concelhos deste espaço insular. Parte destas providências, que transcrevemos em seguida, haviam sido enviadas em 1853 para vários concelhos do continente português³⁷, e tinham como propósito eliminar «[...] todas as causas que possam favorecer o desenvolvimento da epidemia – Cholera morbus [...]»³⁸. Observamos, uma vez mais, o aproveitamento, para este espaço insular, de medidas aplicadas a outras regiões do território português, com o intuito de travar o avanço da epidemia de cólera.

33 Para a elaboração desta tabela optamos por manter a grafia presente no texto.

34 Julgamos tratar-se de Álvaro Rodrigues de Azevedo (1825-1898), colaborador em vários periódicos e redactor do *A Discussão*. (CLODE, 1983, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Séc. XIX e XX*, p. 50).

35 *A Discussão*, n.º 75, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 1.

36 *O Clamor Publico*, n.º 115, segunda-feira, 28 de julho de 1856, Vol. III, pp. 1-2.

37 O *Concelho de Saude Publica do Reino* havia enviado, a 03 de outubro de 1853, para os Administradores dos Concelhos do Continente, um conjunto de providências de forma a minimizar os estragos provocados pela cólera. (*Semanario Official*, n.º 119, sábado, 04 de outubro de 1856, p. 1.)

38 *Semanario Official*, n.º 119, sábado, 04 de outubro de 1856, p. 1.

«1.º Inspeccionar as hospedarias, estalagens, e quaesquer estabelecimentos prohibindo que ahí resida excessivo numero de pessoas, porque nada é mais prejudicial á saude que a accumulacão de muita gente em pequeno espaço e em casas com pouca ventilação.

2.ª Vigiar a venda publica dos alimentos e bebidas, e proceder na conformidade do n.º 6 Art. 18 e Art. 24, e 25 e outros do Decreto de 3 de Janeiro de 1837 publicado na collecção official de legislação

3.ª Policiar sobre os mendigos (com razão chamamos materia prima das epidemias) deligenciando que sejam soccorridos.

4.ª Policiar sobre vadios, e vagabundos, procurando lhes meios de trabalho.

5.ª Vigiar a execucao das Posturas e regulamentos de policia municipal obstando a que se fação depositos de immundicie nas ruas, praças, ou canos; e de estrumes nas cavallariças, fazendo cair, e limpar as casas &c. &c.»³⁹

O Governo Civil solicitava também às câmaras municipais a organizaçãõ de comissões de socorros nas freguesias de cada concelho⁴⁰.

Ainda na mesma secção do *Semanario Official* de 4 de outubro, encontramos uma circular emanada pelo Governo Civil no dia 12 de julho de 1856, com preocupações relativas ao estado de insalubridade do Concelho da Ponta do Sol. Este documento, dirigido ao administrador deste concelho, referia a necessidade do cumprimento das posturas e regulamentos sanitários, principalmente os relativos à limpeza das praias, ruas e tabernas, e à venda de frutas verdes, de peixe salgado e de carnes verdes⁴¹.

Meios Curativos – Terapias, Receitas e Medicamentos

O capítulo que agora expomos tem como propósito dar a conhecer os vários métodos e compostos usados para o tratamento da cólera, e que foram apresentados à população madeirense pela imprensa local da época.

A primeira notícia que encontramos foi da responsabilidade do médico Achille Hoffman, encontrava-se inserida no número 231 do periódico *A Ordem* publicado a 25 de junho de 1856, e tinha como título «CURA CERTA DOS PRIMEIROS SIMPTOMAS DA CHOLERA; QUAESQUER QUE ELLES SEJÃO»⁴². Note-se que a data desta publicação é anterior à primeira manifestação de cólera na Madeira, que sucedeu, como referido anteriormente, no dia 4 de julho desse mesmo ano. Este facto vem demonstrar a existência de alguma preocupação atinente a esta epidemia que lavrava em algumas cidades portuárias continentais, como por exemplo Lisboa e Porto, com as quais a Madeira possuía ligações marítimas.

O texto apresentava um tratamento baseado no remédio chamado «espírito de canfora»⁴³, a composição e forma de preparação dos medicamentos, bem como alguns cuidados a ter.

«Composições do espirito de canfora, especifico de Cholera.

O espirito de canfora que eu venho recommendar contra a Cholera, não é o alcohol canforado que se encontra nas boticas, e que contem segundo as formulas, mais ou menos canfora.

Eis-aqui a formula que eu recomendo, ella pode ser executada por todos.

Dissolvei uma parte de canfora (em pó) em dezanove partes de alcohol de 32 grãos.

39 *Semanario Official*, n.º 119, sábado, 04 de outubro de 1856, p. 1.

40 A organizaçãõ das Comissões de Socorros constava da Portaria Circular do Ministerio do Reino de 12 de outubro de 1848. (*Semanario Official*, n.º 119, sábado, 04 de outubro de 1856, p. 1).

41 *Semanario Official*, n.º 119, sábado, 04 de outubro de 1856, p. 1-2.

42 Este mesmo artigo foi republicado no n.º 233 do mesmo periódico – *A Ordem* – no dia 9 de julho de 1856 a página 2, e também no *O Clamor Publico*, n.º 115, no dia 28 de julho de 1856, a página 3.

43 A Cânfora é uma substância extraída da espécie *Cinnamomum camphora* pertencente à familia Lauraceae. Actualmente esta substância é aplicada em diferentes áreas, como por exemplo; a cosmética; a medicina; e a alimentaçãõ. (CHEN, 2013, «Camphor [...]», pp. 5435-5456).

Nota = Este medicamento administrado segundo as minhas indicações, não prejudicará ninguém, se se tiver em vista os casos excepcionaes que eu aponto. Ao contrario, a canfora tomada só, ou dissolvida em outras preparações que a contem demasiadamente, pode comprometer gravemente a saude.

[...] Deita-se della pela primeira vez trez gottas em uma pequena colher, o mesmo na mão, se se está fóra de casa, e tomão-se com a lingoa; depois com mais duas gottas sómente se torna a começar, e continua de cinco em cinco minutos durante meia hora, e algumas vezes mais porque he necessario não afrouxar antes que o mal tenha desaparecido.

Quando chega essa occasião não deve cessar o uzo do Espirito de canfora mas devem-se distanciar as doses successivamente por um quarto de hora, meia hora, uma hora, duas horas; desta maneira não ha que temer a reincidencia.»⁴⁴

Salientamos a forma detalhada como este escrito identificava os vários sintomas da cólera, apresentando os diferentes passos a tomar dependendo do conjunto de sintomas manifestado.

«Muitas veses a cholera começa de noite por uma indigestão, acorda-se com a cabeça pesada, arrotos azedos cheirando a ovos podres; a indegestão é certa. Em lugar de se tomar chá para socegar e desembaraçar o estomago por baixo, deve-se tomar aos goles trez grandes copos d'agoa tepida sem assucar para determinar o vomito, e se elle se demora, provoque-se metendo o dedo sobre a base da lingua. Logo que o estomago está livre, lave-se a bocca e garganta com agoa fresca, depois comece-se immediatamente o uzo de espirito de canfora, como acima; d'outro modo os vomitos biliozos seguirião, depois os d'agoa clara, as evacuações da mesma natureza acompanhados de câibras, e de um frio geral, da suppressão de orinas, symptoma confirmado da Cholera.

Quando os primeiros symptomas do mal são as colicas e as evacuações, logo depois da segunda evacuação, administra-se o Espirito de Canfora como já disse, durante meia hora, de cinco em cinco minutos, depois de um quarto de hora, meia hora, uma, duas horas, &c. o resultado provavel he logo obtido.

A Cholera sêcca ou nervosa não é menos grave que as outras especies; ella consiste nas câibras, espasmos no peito, palpitações, uma grande anciedade, vertigens sem evacuações nem vomitos; ella deve ser atacada do mesma maneira, e tambem cede maravilhosamente.

Quando o Cholericico estiver já no periodo álgido, isto é quando a lingoa se torna fria, e que a circulação ameça parar, administra-se por primeira dóze seis gottas de espirito de Canfora, e trez em cada uma das ouras que se continuão de cinco em cinco minutos até se operar a reacção, o que se conhece com a volta do calor, então não se dê mais de duas gottas espaçando pouco a pouco as dózes; mas é necessario não se parar subitamente: ao mesmo tempo fumenta-se a região do Coração com o mesmo Espirito de Canfora, ensopando tambem n'elle bocados d'algodão que se collocão perto da bocca e do nariz. Evitai que o doente se descubra, e renovai o ar no quarto.

O Espirito da canfora não pode ser dado quando o doente apresentar symptomas inflammatorios; lingoa vermelha, secca, febre e desentria, que se conhece pelos violentos puxos, e grande encomodo no anus, mucosidades sanguinolentas nas evacuações.

Quando se cura criança muito pequena, cada dóze deve ser diminuida de metade, mas não é necessario diminuir-las para as mulheres gravidas nem para os velhos.

Durante o tratamento depois das seis primeiras dózes de espirito canforado, se a sede é muito viva, mesmo quando houverem vomitos, o doente tomará cada meia hora, um terço, ou meio copo d'agoa albuminosa, que se faz batendo uma clara d'ovo bem fresco com um garfo até se tornar em agoa e não em escuma, depois junta-se-lhe pouco a pouco meia canada de agoa ordinaria não quente, esta bebida excellente não será dada fria quando o doente estiver suando.

O dia em que se applicar este tratamento, é necessario estar em dieta absoluta ainda que os sy[m]ptommas não tenham sido graves. Ao outro dia, successivamente toma-se um pouco de caldo simples e sem gordura, augmenta-se progressivamente o alimento, tendo cuidado de se abster de frutas, legumes, leite, &c., ao menos durante oito dias.

Muitas pessoas tremem com a ideia d'um acesso de Cholera fulminante; se se tomarem informações a respeito destes casos raros, conhecer-se-ha sempre que os doentes tinham commetido grandes imprudencias, fosse to-

44 *A Ordem*, n.º 231, quarta-feira, 25 de junho de 1856, pp. 1-2.

mando neve estando muito quentes, fosse que comessem maos fructos, e demais, que elles despresassem por muito ou pouco tempo os symptomas que exigem cuidados immediatos para impedir que o mal se aggrave.»⁴⁵

Orientado principalmente para o tratamento da cólera no seu início, este método actuava, segundo o autor, debelando os sintomas mórbidos característicos desta doença, sendo praticamente certa a cura se atacada aos primeiros sinais de contágio. Hoffman apontava ainda que este tratamento apresentava bons indicadores em estádios mais avançados da doença, mas que raramente eram suficientes para se atingir a cura dos doentes.

Outro tratamento difundido em jornais da época durante o período de cólera, e que resumimos na Tabela V, foi publicado pelo médico António Luz Pitta com o título «INSTRUÇÕES SOBRE ALGUNS MEIOS DE TRATAR A CHOLERA-MORBUS EPIDEMICA»⁴⁶. Este artigo vinha no seguimento de outro do mesmo autor, mas concernente às «precauções contra a Cholera-Morbus», e que havia sido publicado no n.º 79 do *Madeirense*⁴⁷. As instruções começavam por caracterizar os sintomas da cólera diferenciando-os de outra doença que Pitta nomeia como «Cholerina».

«A Cholera principia talvez 96 vezes em 100 por uma diarrhea ou relaxação do ventre; esta diarrhea é geralmente sem dôr, mas muitas vezes acompanhada de anxiedades que, quando são fortes, promovem ao mesmo tempo vomitos, e que podem durar algumas horas, e mesmo um ou mais dias.

Quando a diarrhea existe só é annuncio precursor; a diarrhea e vomitos etc., sem graves consequencias, constituem a doença benigna que se tem chamado *Cholerina*.»⁴⁸

No que concerne à cólera, o autor aludia que esta enfermidade era caracterizada por apresentar 3 períodos distintos, cada um deles ostentando diferentes conjuntos de sintomas.

«O primeiro periodo da Cholera manifesta-se pelos symptomas seguintes: = diarrhea e vomitos copiosos, muitas vezes repetidos, sendo geralmente esbranquiçados os liquidos evacuados, principalmente as dejeções e alvinas, que muito se parecem com agua de arroz, algumas vezes vertigens etc.

O segundo periodo, que tambem se chama periodo de collapso ou periodo azul, é caracterizado por câimbras ou espasmos em todo o corpo, falta de circulação, côr azulada da pelle, frio geral exterior e suor frio, sensação de calor interno, sêde insaciavel, suppressão de urina etc.

O terceiro periodo, ou periodo chamado de reacção, annuncia-se pela cessação de alguns symptomas do segundo periodo, e sucessiva diminuição de outros; apparece calor, restabelece-se a circulação, cessão as câimbras, ha fêbre, algumas vezes suor quente etc. Quando esta reacção se opera em certos limites o doente está salvo.»⁴⁹

A. L. Pitta referia, no que concerne aos tratamentos apresentados, que estes foram os que a sua experiência como médico indicava serem os mais eficazes, e apresentava-os de uma forma simples para poderem ser administrados na ausência de facultativo. Diferenciava estes tratamentos em «MEIOS INTERNOS» e «MEIOS EXTERNOS» informando, como pode ser observado na transcrição em seguida, que as terapias apresentadas para o primeiro e segundo período deveriam ser suspensas quando o paciente exhibisse sintomas característicos do terceiro e último período da doença.

«MEIOS EXTERNOS.

1.º – Fricções sêccas – fricções com *linimento anodino* sobre todo o ventre, nas costas e nas extremidades: em falta de *linimento anodino*, com agua-ardente, ou qualquer outro liquido espirituoso quente.

2.º – Abafar bem o corpo com cobertor de lã, e principalmente o ventre, cobrindo-o de baeta, ou flanela quente.

45 *A Ordem*, n.º 231, quarta-feira, 25 de junho de 1856, p. 2.

46 Este mesmo artigo foi publicado posteriormente no periódico *A Ordem*, n.º 234, de 16 de julho de 1856, a páginas 1 e 2.

47 Relembramos que não tivemos acesso a qualquer número do periódico intitulado *Madeirense*.

48 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 2.

49 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 2.

3.º – Aplicar cataplasma de mostarda bem quente sobre todo o ventre até que estimule bem a pelle.

4.º – Aplicar botijas, ou garrafas com agua quente, tijolos ou saccos de arêa igualmente quentes em torno do corpo e aos pés, com o fim de desenvolver o calor da pelle, e promover a reacção. Estes meios são applicaves no decurso do primeiro, e segundo periodo.

MEIOS INTERNOS.

Os remedios internos applicaveis á diarrhea, ou ao primeiro periodo são:

1.º Uma pilula de duas em duas horas, de hora a hora, e mesmo de meia em meia hora, segundo a maior ou menor intensidade dos symptomas; e, immediatamente depois de cada pilula, quatro colheres de meza, de chá frio de flores de tilia, de macella, ou de herva cidreira. Sendo vomitado o chá juntamente com a pilula, convem tomar outra immediatamente, sem chá, nem outro qualquer liquido, para que o estomago a possa mais facilmente conservar, e assim se consiga o effeito desejado. Estas pilulas são as da receita N.º 1 abaixo transcripta; e não se poderá tomar mais de seis sem conselho medico.

2.º Em falta d'estas pilulas se podem empregar para o mesmo fim 15 gotas de *Laudano liquido de Sydenham*, de hora a hora, em quatro colheres de meza de chá frio de macella, ou algum dos outros acima indicados; mas não se passará da terceira dóze sem conselho de facultativo.

Estes dois meios internos podem ser substituidos, quando exista simplesmente: diarrhea, por clystéres compostos cada um de meio quartilho de cosimento de sementes e duas ou tres cabeças de dormideiras bem machucadas, ou juntando, em falta d'estas, ao cosimento simples de sementes 8 a 10 gotas de *Laudano liquido de Sydenham* por cada clister. Estes clisteres podem ser repetidos em quanto não forem conservados.

Os remedios do segundo, periodo, ou periodo de collapso são:

1.º Uma colher de meza da mistura da receita N.º 2, administrada de meia hora, em quatro colheres de chá quente de tilia, macella, ou herva cidreira.

2.º Em falta deste remedio pode-se empregar de meia em meia hora uma dóze dos pós da receita N.º 3, misturados em quatro colheres de meza de qualquer chá dos acima mencionados; não ultrapassando as seis dózes sem conselho do facultativo.

Em quanto ao terceiro periodo, ou periodo de reacção não indico meio algum positivo; sómente direi que, quando os symptomas que o caracterisam são bem manifestos, convem suspender immediatamente os meios empregados nos periodos antecedentes; lançando mão dos que forem aconselhados pelo facultativo, que indispensavelmente terá sido consultado; visto que estes meios podem ser mui variados segundo as circunstancias.»⁵⁰

50 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 2. A composição das receitas apresentadas nesta transcrição podem ser observadas na Tabela VI.

**Tabela V – «INSTRUÇÕES SOBRE ALGUNS MEIOS DE TRATAR A CHOLERA-MORBUS EPIDEMICA»
– Resumo do Tratamento apresentado por António Luz Pitta**

Cólera	Sintomas	Tratamentos	
		Meios Externos	Meios Internos
1.º Período	Diarreia e vômitos intensos geralmente esbranquiçados; algumas vezes vertigens	<p>Fricções com «linimento anodino», água-ardente ou qualquer líquido espirituoso quente</p> <p>Abafar o corpo, principalmente o ventre cobrindo-o de baeta ou flanela quente</p> <p>Aplicar cataplasma de mostarda bem quente sobre o ventre</p>	<p>Uma pilula da receita n.º 1 de 2 em 2, 1 em 1 ou meia em meia horas, seguida de 4 colheres de mesa de chá frio de tília, macela ou erva-cidreira</p> <p>Ou</p> <p>15 gotas de Láudano líquido de Sydenham de hora em hora, em 4 colheres de mesa de chá frio de tília, macela ou erva-cidreira (não ultrapassar a 3.ª doze sem consultar o facultativo)</p> <p>Ou</p> <p>Quando exista apenas diarreia, clisteres compostos por meio quartilho de cozimento de sêmeas juntando duas ou três cabeças de dormideiras bem esmagadas ou em falta destas últimas 8 a 10 gotas de «Láudano líquido de Sydenham por cada clister</p>
2.º Período (Período de Colapso ou Período Azul)	Cãibras ou espasmos; pele azulada; frio e suores frios; sensação interna de calor; sede; supressão da urina	Sobre o ventre e pés, aplicar botijas ou garrafas com água quente, ou tijolos e sacos de areia quentes	<p>Uma colher de mesa da receita n.º 2, de meia hora, em 4 colheres de chá quente de tília, macela, ou erva-cidreira</p> <p>Ou</p> <p>De meia em meia hora uma dose de pós da receita n.º 3, em 4 colheres de mesa de chá quente de tília, macela, ou erva-cidreira (não ultrapassar as seis doses sem consultar o facultativo)</p>
3.º Período (Período de Reacção)	Cessação dos sintomas dos períodos anteriores	Suspender tratamentos anteriores	Suspender tratamentos anteriores

Fonte: *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 2.

A finalizar, o Dr. Pitta apresentava a composição de cada uma das receitas supracitadas nos tratamentos, as quais apresentamos na Tabela VI, referindo que as doses dos fármacos foram calculadas para adultos. Referia ainda que os medicamentos podiam ser utilizados em menores idades, sendo para isso necessário reduzir as porções. Pitta não apresenta as proporções para a redução das doses.

**Tabela VI – «INSTRUÇÕES SOBRE ALGUNS MEIOS DE TRATAR A CHOLERA-MORBUS EPIDEMICA»
– Receitas apresentadas por António Luz Pitta**

Receita					
N.º 1		N.º 2		N.º 3	
Extracto de cacto	18 Grãos	Água destilada de hortelã-pimenta	4 Onças	Carbonato de amónia	30 Grãos
Gomoso de ópio	3 Grãos	Tintura de canfora	1 Oitava	Pós aromáticos	12 Grãos
Cânfora	6 Grãos	Láudano líquido de Sydenham	1 Oitava	Ópio em pó	3 Grãos
Pós de gengibre	3 Grãos	Acetato de amónia	6 Oitavas	Misture e divida em 6 papéis	
Misture e faça 6 pílulas		Misture			

Fonte: *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, pp. 2-3.

Ainda no mesmo número (n.º 113) deste periódico, podemos encontrar o artigo, já referido anteriormente no capítulo *Medidas Preventivas, Preocupações Sanitárias e Cuidados com o Corpo*, intitulado «Real Sociedade Humanitaria – Cholera-Morbus», que apresentava, similarmente, algumas medidas curativas para, como refere, «[...] ser postas em pratica enquanto não chega o facultativo»⁵¹.

Este escrito caracterizava a cólera como possuindo 4 estágios, mais um que o artigo de Pitta abordado anteriormente, e identificava os sinais característicos de cada uma dessas fases. Principiava por apresentar a forma como a doença começava a manifestar-se – 1.º período – e o modo como a doença evoluía, afirmando que muitos dos sintomas apresentados nas 2 primeiras etapas eram comuns a outras enfermidades, e que, pelo contrário, os que surgiam no 3.º estágio, denominado de «período cholérico», eram muito específicos da cólera. No que concerne ao 4.º período, ou de «reação», este era caracterizado pela convalescença do doente. Segue-se a transcrição do artigo no que concerne às fases da enfermidade e respectivos sintomas.

«A cholera principia, em geral, pela diarreia, ás vezes precedida e sempre acompanhada de movimentos tumultuarios dos intestinos, bem perceptíveis ao ouvido; as dôres de colica são raras. Esta diarreia é quasi sempre abundante desde o principio, e incomoda muito pouco os doentes. As primeiras dejectões são biliosas e fecaes; mas as seguintes vão perdendo sucessivamente estes caracteres, e assemelham-se por ultimo a soro de leite mal clarificado ou agua em que se coseu arroz. Até aqui é o primeiro periodo.

Em quanto se vae operando esta singular transformação na natureza do liquido diarrhoico vão apparecendo novos symptomas.

O doente é de improviso accommetido de nauseas e de vomitos, que repidamente se succedem uns após outros: a materia vomitada escapa-se em jactos e sem arrancos fortes; é muito liquida, aquosa, ás vezes com ligeira côr amarellada, e as mais das vezes semelhantes ao liquido diarrhoico, trazendo consigo fragmentos esbranquiçados em fôrma de pequenos fios ou farrapos. Declare-se ao mesmo tempo uma [e]specie de atordoamento de cabeça, a que se tem dado o nome de embriaguez cholérica: a cabeça está vertiginosa, parecendo que tudo anda á roda, nos ouvidos sentem-se zunidos e chiadeiras: se o doente quer dar alguns passos logo cambalêa, a voz enfraquece; mudam-se as feições, e o rosto apanha-se. O pulso accelera-se, mas não se faz mais forte. A diarreia no entretanto tornou-se muito mais frequente; as vezes sahem jactos involuntariamente; e alguns doentes abatidos pela enorme perda de tantos liquidos chegam a cahir em desmaio. As ourimas vão sendo cada vez mais raras até pararem de todo. Assim termina o segundo periodo.

[...]

Depois de completa cessação das ourinas e prostração geral com que termina o periodo precedente, vem o arrefecimento, que começa nas extremidades e se propaga ao resto do corpo. Pulso ao principio pequeno, depois nullo ou insensivel. Caimbras ou brécas nas pernas e tambem no ventre, e principalmente sobre o estomago. Volume do corpo notavelmente diminuido. Face inteiramente mudada. Olhos profundamente encovados e circudados d'azul cinzento escuro. As mãos e pés e depois o resto do corpo, incluindo toda a face e pescoço, de côr azulada; as pontas dos dedos enrugadas. Lingua humida e fria sede insaciavel; halito frio; voz sepulchral; suor viscoso e frio.

Este periodo é chamado periodo algido ou mais propriamente periodo cholérico. Termina as mais das vezes pela morte; e todo o trabalho do facultativo e dos assistentes deve consistir em não fazer chegar a molestia a este periodo, pois que felizmente está demonstrado que esta terrivel enfermidade pôde ser embarçada na sua marcha. O que não succede com o typho, com a escarlatina, febre amarella, bexigas etc. etc.

O quarto periodo (chamado de reacção) começa com o desaparecimento ou successiva diminuição dos symptomas precedentes, e conhece-se pelo gradual restabelecimento do calor em toda a pelle e desenvolvimento do pulso.»⁵²

Apos a descrição dos vários períodos que considerava existir no decorrer da enfermidade, a *Real Sociedade Humanitaria* apresentava os cuidados e tratamentos a seguir, tendo em conta a fase da doença em que o enfermo se encontrava.

51 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, pp. 3-4.

52 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, pp. 3-4.

«O tratamento do primeiro periodo limita se a fazer estar na cama o doente, pol-o no uso de uma dieta tenue (simples caldos de vaca, franga ou galinha com pouca comida solida]; e para remedio interno cosimento de raspa de ponta de veado com quinze a vinte gottas de Laudano liquido de Sydenham entreendo sempre o calor nas extremidades com sinapismos ou qualquer outro meio.

No segundo periodo a dieta deve-se limitar a dous ou tres caldos por dia. Para remedio ligeira infusão de mace-lla quente com quatro ou cinco gottas de Laudano para cada dóse. – Clysteres de cosimento de semente de linho com Laudano (dez gotas de Laudano para cada clyster]; ou clysteres de infusão de casca de carvalho com a mesma quantidade de Laudano. Exteriormente cataplasmas de farinha de linhaça muito quentes applicadas sobre o ventre; sinapismos nos pés e pernas.

No terceiro periodo o tratamento deve ser prompto e energico, porque não ha tempo a perder.

Internamente faça-se tomar pelo doente de meia em meia hora o seguinte remedio quente: infusão theiforme (chá) de

macella ou hortelã pimenta	duas onças.
Tintura saturada de camphora	seis gottas.
Laudano liquido de Sydenham	seis gottas.
Acetato liquido d'ammoniac	meia onça.
Xarope d'ether	uma oitava.

M,

A tintura saturada de camphora é composta de duas oitavas de camphora dissolvidas em onça e meia de alcool. Deve-se suspender o uso do Laudano se pararem os vomitos, sem haver melhora nos outros symptomas.

Exteriormente involva se o corpo do doente em cobertores de lã, deem-se lhe continuadas fricções seccas com escova de lã a todo o corpo, principalmente ás coxas e pernas, por baixo das roupas; e tenham se constantemente applicadas á pelle botijas com agua quente, ou saccos de farellos quentes, ou tijolos quentes embrulhados em pannos, ou pedaços de cal virgem embrulhados em toalhas molhadas, ou qualquer outra cousa que entretenha e communique calor.

O tratamento do quarto periodo merece grande atenção, e póde ser muito variado conforme as tendencias de reacção. Algumas vezes será necessario recorrer á sangria geral, muitas vezes ás sanguessugas na nuca, ás ventosas sacrificadas no dorso, aos causticos etc.»⁵³

Estes tratamentos apresentam-se resumidos, em seguida, na Tabela VII.

**Tabela VII – «Real Sociedade Humanitaria – Cholera-Morbus»
– Resumo da Terapêutica Apresentada pela Real Sociedade Humanitária**

Cólera	Sintomas	Tratamentos	
		Meios Externos	Meios Internos
1.º Período	Movimentos ruidosos dos intestinos e diarreia abundante	Repouso Promover o calor nas extremidades do corpo	Dieta composta de cados de vaca, ou galinha e pouca comida sólida Cozimento de raspa de ponta de veado com 15 a 20 gotas de Láudano líquido de Sydenham
2.º Período	Diarreia mais frequente, náuseas, vômitos, vertigens, zumbidos nos ouvidos, pulso acelerado e rosto abatido, cessação da urina	Aplicar cataplasma de farinha de linhaça muito quente no ventre Promover sinapismos nos pés e pernas	Dieta limitada a 3 ou 4 caldos por dia Ligeira infusão de macela quente com 4 ou 5 gotas de Láudano para cada dose Clisteres de cozimento de sementes de linho com 10 gotas de láudano cada, ou clisteres de infusão de casca de carvalho com 10 gotas de láudano cada

53 *Semanario Official*, n.º 113, sábado, 12 de julho de 1856, p. 4.

Anuário do CEHA
2015, N.º 7

3.º Período (Período Algido ou Colérico)	Arrefecimento do corpo, pulso fraco, câibras nas pernas e ventre, olhos encovados e azulados e circulados de azul/cinza escuro, corpo adquire uma cor azulada, ponta dos dedos enrugada, língua húmida, sede insaciável, hálito frio, voz sepulcral, suor viscoso e frio	Envolver o corpo em cobertores de lã aplicando-se, por baixo das roupas um dos seguintes instrumentos: botijas com água quente; sacos de farelos quentes; tijolos quentes embrulhados em panos; pedaços de cal virgem embrulhados em toalhas molhadas, ou qualquer outro método que mantenha o corpo quente.	De meia em meia hora infusão composta por: Macela ou hortelã-pimenta – 2 Onças Tintura saturada de cânfora – 6 Gotas Láudano líquido de Sydenham – 6 Gotas Acetato líquido de amoníaco – ½ Onça Xarope de éter – 1 Oitava Suspender o uso de Láudano se pararem os vômitos sem melhoria dos outros sintomas.
4.º Período (Período de reacção)	Desaparecimento dos sintomas existentes nos períodos anteriores	Por vezes: sangria geral; sanguessugas na nuca; ventosas sacrificadas no dorso; cáusticos, etc.	

Fonte: *Semanario Official*, n.º 113, sabbado, 12 de julho de 1856, p. 2.

O n.º 114 do *Semanario Official*, como referido no capítulo anterior, transcreve um trabalho assinado pelo Delegado de Saúde do districto de Vila Real com o título «CONSELHOS SOBRE A CHOLERA MORBUS». A segunda parte deste escrito, que aqui abordamos, apresentava um conjunto de medidas a serem tomadas pelo enfermo antes de ter acesso a qualquer facultativo, e logo que os primeiros sintomas de cólera se manifestassem. Observamos que estas medidas não divergiam muito das apresentadas por outros periódicos referidos neste trabalho. Colocando também a tónica numa actuação rápida, ostentavam que «A cura da molestia depende essencialmente da mais prompta applicação dos primeiros remedios [...]»⁵⁴.

«[...] quando se saiba que a molestia está proxima, ou na localidade do individuo, e este sentir quebramento de corpo, dôr de cabeça e frio nos pés e mãos, acompanhado de anciedade no estomago, nauseas ou vomitos, e diarrhea, metta-se logo na cama, primeiramente aquecida, use de fricções nas extremidades, feitas com cautella, para evitar o ar, e de hora em hora, com baetas quentes, agoa com mostarda, ou essencia de mostarda, uma colher para cada vez; e chegue a si botijas de agua fervendo; tomará uma chavena de chá da india, ou de casca de limão com uma colher de sôpa de aguardente fraca, tudo bem quente, tendo muito cuidado em não se descobrir; e tome de alimento só caldo de arroz de frango, ou pão em pequena quantidade. Se, passadas quatro horas, não tiver cessado o frio e a diarrhea, mande logo chamar o facultativo, e em quanto este não chega poderá tomar o seguinte remedio: – agoa commum, libra e meia, dissolva gomma arabica em pó, tres oitavas, junte xarope de diacódio uma onça, para tomar tres onças todas as horas, e um quarto de clister, de duas em duas horas, de cosimento de sementes com pós de gomma, um ovo batido (gemma e clara) e seis gotas de laudano liquido de Sydenham – a continuação dos primeiros remedios aconselhados, e fricções ao longo da espinha com essencia de therebentina.»⁵⁵

No que diz respeito aos remédios referidos na transcrição anterior, uma nota presente no mesmo artigo declarava que os pobres poderiam solicitar, de forma gratuita, os fármacos nas boticas indicadas pelas autoridades. Salienciamos ainda outra informação apresentada que demonstrava a existência de diferenças entre ricos e pobres no acesso a determinados tipos de fármacos, devido, com toda a certeza, ao elevado custo de alguns dos seus constituintes.

«As pessoas ricas deverão ter em casa o seguinte:

Um frasco com laudano liquido de Sydenham; dito com essencia de therebentina; dito com essencia de mostarda, dito com ether sulfurico, ditos com agua destillada de hortelã pimenta, herva cidreira, etc; dito com ipecacuanha. Raspa de ponta de viado, gommarabica, cabeças de dormideiras, mostarda em pó, massa caustica. Um vidro com calomelanos, já divididos em doses de quatro a seis grãos, e o mais que o seu facultativo indicar como mais urgente, não esquecendo tambem ter de pervenção limões, farinha de linhaça, sanguessugas, e aguardente camphorada, etc.»⁵⁶

54 *Semanario Official*, n.º 114, sábado, 19 de julho de 1856, p. 2.

55 *Semanario Official*, n.º 114, sábado, 19 de julho de 1856, p. 2.

56 *Semanario Official*, n.º 114, sábado, 19 de julho de 1856, p. 2.

Outro periódico a apresentar tratamentos para a cólera foi o *O Clamor Publico*⁵⁷. Este jornal publicou um artigo, já referido anteriormente por expor também medidas preventivas, publicado na secção «Correspondência», e que tinha como título «Precauções contra a Cholera». Ao contrário dos escritos da *Real Sociedade Humanitaria* e de António Luz Pitta, referidos anteriormente, este artigo não decompunha a cólera em períodos, apontando apenas a evolução dos sintomas característicos desta enfermidade.

«Uma pessoa de boa saude pode ser repentinamente atacada pela Cholera; primeiramente embrulhamento de estomago, vista de olhos offuscada, então, depois de um tremor e roncoamento nos intestinos, vomitos e evacuação, com dores agudas debaixo do peito à roda das costellas, e no lado esquerdo, e tudo isto acompanhado de uma sêde insaciavel. Se o doente não fôr promptamente socorrido, seguem-se breças nas pernas e braços, que se tornão frios como a neve; Tambem extrema fraquesa e uma pallidez de morte, todo o corpo se torna então frio, depois soluços e outros signaes de morte proxima.»⁵⁸

No que concerne aos tratamentos, o autor apresentava um conjunto de 6 recomendações – que transcrevemos em seguida – a serem realizadas quando não houvesse possibilidade de aceder a um facultativo. Realçava ainda a importância, durante o surto de epidemia, da fricção do corpo com as mãos, com um pano ou com uma escova, utilizando simultaneamente substâncias irritantes como por exemplo o alcatrão purificado. Gerardo José de Nóbrega considerava mesmo que esta prática era a mais eficaz para a debelação da cólera.

«1.º O doente deve ser bem abafado.

2.º Todo o seu corpo deve ser bem esfregado com vinagre quente ou aguardente, igualmente as suas mãos e os seus pés e boca do estomago com alcatrão purificado, ou se não houver, com aguardente forte.

3.º O doente deve tomar em quantidades frequentes e pequenas, uma infusão de hortelã, ou da essencia de hortelã, mas uma ou duas foras de cada vez, com assucar.

4.º Se não houver diminuição de dôr ou vomito, uma cataplasma de mostarda deve ser applicada à boca do estomago.

5.º Se os mesmos symptomas todos ainda continuarem, e o doente fôr de forte constituição, então applicão-se sanguesugas ao mesmo logar, dose a vinte para grande, e para pequeno seis a dez, mas se fôr de constituição fraca, não se devem usar sanguesugas sem a assistencia de Medico.

6.º Um banho quente, se estiver prompto e perto, pode ser usado com utilidade; àlias um banho de vapor pode ser preparado em casa, assim aquecem-se algumas pedras ou tijolos, e sobre elles ponha-se um catre com um fundo de rede, sobre o qual o doente deve ser estendido, bem coberto, depois lança-se o vinagre sobre as pedras quentes, donde subira o vapor que tem de causar a transpiração, ajudada pelas fricções que devem ser continuadas. Na falta deste banho de vapor, ponha-se à roda e em contacto com o doente saccos de area quente ou de cinza.»⁵⁹

Salientamos ainda a nota apresentada pelo autor que aconselhava os pacientes a terem grande cuidado durante o período de convalescença, devido ao facto desta doença ser muitas vezes seguida de «Typho».

A *Discussão* de 24 de julho de 1856 apresentou um artigo, dividido em duas partes, concernente a fármacos utilizados para debelar a cólera. A primeira parte do artigo publicitava que o químico e farmacêutico honorário da Casa Real Portuguesa – Gerardo José de Nóbrega⁶⁰ – possuía no seu «[...] estabelecimento *Medical Hall* Funchal Madeira os remedios recommendados pelo Dr. Samuel R. Swann⁶¹, [...]» e que estes eram de «[...] summa eficacia para impedir e curar as molestias que infelizmente grassão na Madeira.»⁶². A segunda parte deste artigo transcrevia uma carta enviada por Samuel R. Swann para Gerardo José de Nóbrega, em que

57 Referimo-nos ao número 114, de 21 de julho de 1856, a páginas 2 e 3.

58 *O Clamor Publico*, n.º 114, segunda-feira, 21 de julho de 1856, vol. III, p. 2.

59 *O Clamor Publico*, n.º 114, segunda-feira, 21 de julho de 1856, vol. III, p. 2.

60 Gerardo José de Nóbrega foi o autor do artigo «Precauções contra a Cholera» referido anteriormente neste trabalho.

61 Samuel R. Swann, era cirurgião assistente na fragata Norte Americana «James Town» (SMYTHY, 1858, *Report on the Teneriffe astronomical experiment of 1856*, p. 570).

62 *A Discussão*, n.º 75, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 3.

Swann relata remeter, como havia sido solicitado pelo «Senhor Nobrega», duas receitas para o tratamento da cólera em adultos – as quais apresentamos em seguida –, e que poderiam ser utilizadas em menores de idade, desde que se reduzissem as doses.

«RECEITA N.º 1

Tomar-se-há uma colher de cha deste medicamento tres vezes no dia, antes de comer devendo aumentar gradualmente até duas colheres. Os doentes não devem exceder esta quantidade, nem comer com excesso ainda que tenham o maior appetite.

RECEITA N.º 2.

O doente deverá tomar tres colheres de chá de meia em meia hora, ou d'hora em hora, ou de duas em duas horas, quando seja necessario, e depois de trez ou de quatro em quatro horas.»⁶³

Samuel Swan aconselhava ainda, logo que se manifestasse a cólera, que se fizesse uma fricção forte, com recurso a um pano, da zona abdominal, cobrindo-se imediatamente com «oleado de seda, ou pelle de bexiga», de forma a impedir a evaporação. Apontava que se deveria intermitir esta prática quando o enfermo não a conseguisse mais suportar.

A 13 de setembro de 1856 a «Botica de Ornellas na rua da Carreira, Funchal» publicitava, no *Semanario Official* n.º 117, a fórmula de uma receita com o título «ANTI-CHOLERICO INGLEZ», e que, como aponta, havia sido publicada em periódicos franceses, ingleses e espanhóis. Este escrito mencionava que esta era a receita que melhores resultados havia apresentado na luta contra a «cholera-morbus asiatica», tendo, por esse motivo, sido enviada para o exército na Guerra da Crimeia (1853-1856), de forma a combater os grandes estragos que esta enfermidade causava no seio daquela força militar.

«FORMULA DA RECEITA.

Acetato de ammoniaco liquido (espírito de minderer) 2 oitavas.

Tintura alcoolica de opio
Tintura de guaiaco ammonibal
Cré preparado

Ether sulphurico – oitava e meia

Oleo volatil de ortelã pimenta – 12 gotas.

Xarope simples – 2 onças.»⁶⁴

A última publicação que apresentamos relativa a tratamentos divulgados, foi publicada pelo *O Clamor Publico* n.º 116, no dia 10 de outubro de 1856. Tratava-se de uma missiva enviada por «José Maria de Sant'Iago, de Varride»⁶⁵ para este periódico, em que o remetente transcreve, sem apresentar a data nem a página, uma publicação de João Ferreira d'Oliveira no jornal *O leiriense*, contendo a receita, que transcrevemos em seguida, para tratamento da cólera.

«[...] vinagre fortissimo de vinho puro, meia canada – dentes d'alho machucados, 6 oitavas – canfora 4 oitavas – (mas a canfora dissolve-se primeiro em quanto baste de alcool) agita-se tudo por 15 minutos, coa-se e guarda-se em um vidro esmerilado. Dà-se uma colher de sopa cheia quando ha vomito, se se vomita, logo outra, e depois de 15 em 15 minutos; e diz aquelle facultativo que em 13 ou 15 casos desesperados 4 colheres opereram a perfeita cura.»⁶⁶

63 *A Discussão*, n.º 75, quinta-feira, 24 de julho de 1856, p. 3.

64 *Semanario Official*, n.º 117, sábado, 13 de setembro de 1856, p. 2.

65 Julgamos ser Verride e não Varride, freguesia do concelho de Montemor-o-Velho extinta em 2013. (Decreto Lei n.º 11-A/2013, «Reorganização administrativa do território das freguesias» in *Diário da República*, p. 552-(78)).

66 *O Clamor Publico*, n.º 116, sexta-feira, 10 de outubro de 1856, vol. III, p. 3.

O mesmo escrito ostentava o parecer favorável de outro facultativo de Lisboa, o «dr. Lima Leitão», e ainda o do cirurgião «José Maria Pinto» que, recomendando esta prática, complementava-a com a necessidade de se juntar «[...] outros excitantes externos [...]»⁶⁷.

Considerações Finais

Embora a percentagem da população portuguesa alfabetizada fosse extremamente baixa em finais do século XIX⁶⁸, foi durante o período oitocentista que a leitura e divulgação da informação contida na imprensa começou a generalizar-se. Esta vulgarização deveu-se não só à leitura directa, mas também à «leitura oral e coletiva em espaços públicos de sociabilidade, como as tabernas e os mercados, ou mesmo a sua divulgação pelos padres na missa do domingo»⁶⁹.

Constatamos que o papel dos periódicos madeirenses durante o período de cólera de 1856 foi, principalmente, o da divulgação de informações importantes, como por exemplo listas de médicos, e medidas preventivas e curativas, de modo a combater e atenuar os efeitos da enfermidade neste espaço arquipelágico. Observamos que nenhum dos periódicos abordados dá conta da real devastação que a epidemia causava aos habitantes da Madeira. Esta constatação demonstra, de facto, que a solicitação por parte do Governador Civil, para a não publicação de notícias passíveis de causar pânico à população, havia surtido efeito.

No que concerne às medidas preventivas apresentadas pelos periódicos da época, estas baseavam-se essencialmente na higiene do corpo e da habitação, no resguardo pessoal, e numa alimentação cuidada. A este respeito focamos as dificuldades que teria a maior parte da população madeirense – com poucas condições financeiras e carenciada de víveres – em seguir tais recomendações.

Já os tratamentos, tendo em conta os conhecimentos da época no que diz respeito a esta enfermidade, e lembrando que o *Vibrio cholerae* foi isolado e descrito pela primeira vez em 1854, baseavam-se numa actuação rápida, logo que os primeiros sinais de contágio se manifestassem. As terapias incidiam, quase exclusivamente, no controlo e diminuição dos sintomas provocados por esta enfermidade, como por exemplo os vómitos e as diarreias, na conservação da temperatura corporal, e na promoção da circulação sanguínea.

Para concluir, salientamos a transcrição de medidas preventivas e curativas usadas em outras regiões, como por exemplo o Porto e em Vila Real onde a cólera havia causado grandes estragos, para poderem ser adoptadas neste espaço arquipelágico.

67 *O Clamor Publico*, n.º 116, sexta-feira, 10 de outubro de 1856, vol. III, p. 3.

68 Em 1878 a percentagem de analfabetismo da população portuguesa maior de 6 anos e residente em Portugal Continental era de 79,4%. (RAMOS, 1988, «Culturas e alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal [...]», p. 1067.).

69 ALMEIDA, 2011, «A Epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa», p. 1059.

Fontes Citadas

A Discussão, n.º 75, 24 de julho de 1856

A Discussão, n.º 77, 28 de agosto de 1856

A Ordem, n.º 1, 11 de outubro de 1856

A Ordem, n.º 19, 12 de fevereiro de 1857

A Ordem, n.º 231, 25 de junho de 1856

A Ordem, n.º 232, 2 de julho de 1856

A Ordem, n.º 233, 9 de julho de 1856

A Ordem, n.º 234, 16 de julho de 1856

A Ordem, n.º 234, 16 de julho de 1856

A Ordem, n.º 235, 24 de julho de 1856

Decreto Lei n.º 11-A/2013, «Reorganização administrativa do território das freguesias», in *Diário da República*, 1.ª série, n.º 19 28/01/2013, pp. 552-(2) – 552-(147).

O Clamor Publico, n.º 113, 14 de julho de 1856

O Clamor Publico, n.º 114, 21 de julho de 1856

O Clamor Publico, n.º 115, 28 de julho de 1856

O Clamor Publico, n.º 116, 10 de outubro de 1856

Semanario Official, n.º 113, 12 de julho de 1856

Semanario Official, n.º 114, 19 de julho de 1856

Semanario Official, n.º 116, 06 de setembro de 1856

Semanario Official, n.º 117, 13 de setembro de 1856

Semanario Official, n.º 119, 04 de outubro de 1856

Semanario Official, n.º 129, 10 de janeiro de 1857

Bibliografia Citada

ALMEIDA, Maria Antónia Pires de, 2011, «A Epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa», in *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 18, n.º 4, pp. 1057-1071.

CHEN, Weiyang, VERMAAK, Ilze, VILJOEN, 2013, «Camphor – A Fumigant during the Black Death and a Coveted Fragrant Wood in Ancient Egypt and Babylon – A Review», in *Molecules*, vol. 18, Issue 5, pp. 5434-5454.

CLODE, Luís Peter, 1983, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Séc. XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal.

CLAESON, Mariam, WALDMAN Ronald, s. d., «Cholera», in *Encyclopædia Britannica Online*, disponível online em <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/114078/cholera>, acedido a 19 de maio de 2015.

MACNAMARA, C., 1876, *A History of Asiatic Cholera*, London, Macmillan and Co.

RAMOS, Rui, 1988, «Culturas e alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à

História da Alfabetização no Portugal contemporâneo», in *Análise Social*, vol. XXIV, n.º 103-104, pp. 1067-1145.

ROSENBERG, Charles E., 1987, *The cholera years: the United States in 1832, 1849 and 1866*, Chicago, The University of Chicago Press.

S. A., s. d., «Who first discovered *Vibrio Cholera*?», in *UCLA – Department of Epidemiology – School of Public Health*, disponível online em <http://www.ph.ucla.edu/epi/snow/firstdiscoveredcholera.html>, acedido a 20 de maio de 2015.

SILVA, Fernando Augusto, MENESES, Carlos Azevedo, 1978, *Elucidário Madeirense*, 4.ª edição, 3 volumes, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

SMYTHY, C. Piazzi, 1858, *Report on the Teneriffe astronomical experiment of 1856*, London, Taylor and Francis.